

# Mocidade Cristã

Ano XIV

Janeiro a Março de 1952

Número 54

## *Jesus Meu Salvador*

E esta é a história verdadeira da conversão duma moça que tinha quinze anos de idade, e cujo nome era Emilia.

Foi criada numa família cristã, e estava bem instruída nas verdades do Evangelho.

Já na tenra idade de dois ou três anos, ensinaram-lhe a dizer uma pequena oração todas as noites, antes de se deitar na cama.

Durante os anos subsequentes aprendia mais acerca do Salvador, e ouvia a pregação do Evangelho muitas vezes durante o tempo da sua infância. Vivendo em meio de crentes imaginava que também ela mesma era crente. Mas alcançando quase o décimo quinto ano da sua existência, começou a pensar seriamente no assunto da sua própria conversão.

Perguntou-se a si mesma: «Porque penso que sou crente, e por que espero ir ao céu quando morrer?», e viu que não podia dar resposta clara e definitiva.

Ao mesmo tempo reparou no versículo em 1. Pedro 3:15 que diz: «Estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós. — e indagou novamente: «Se qualquer pessoa perguntasse: «Por que espera você ir ao céu, sendo pecadora, semelhante a todo o mundo?» que poderia eu dizer?»

Achou que não podia dar uma

razão sequer pela esperança que nela havia.

Compreendeu que não devia dizer: «Sou crente porque meus pais são crentes», porque seus próprios pais cuidaram em ensinar-lhe que cada pessoa deve ser salva por si mesma, que ninguém pode ir ao céu pela fé de outrem.

Cada pecador deve ter o seu próprio encontro com o Salvador. Como o Senhor diz aos que Lhe pertencem: «Chamei-te pelo teu nome, tu és meu» (Is. 43:1).

Emília não podia afirmar que jamais tivesse ouvido a voz do Senhor chamando por ela. Mas, oxalá que pudesse dizer isto. Crescia no seu coração um grande desejo de ser um daqueles que a Jesus pertencem. Seus irmãos mais velhos, sua irmã, bem como algumas das suas jovens amigas, todos sabiam que pertenciam a Jesus, e ela desejava tanto que também pudesse estar certa de fazer parte daquela companhia alegre. E justamente aí estava a dificuldade. Não tinha certeza. Sempre pensava que ela era como devia ser; e se, afinal de contas, não estava salva?

Não podia esperar as bênçãos da vida em Cristo, si a Ele não pertencia. Seria melhor estar em dúvida, estar perplexa e infeliz agora, se fosse possível por qualquer meio esclarecer o assunto no íntimo do seu próprio coração, do que continuar descansando em esperanças vãs.

E aqui quero pedir ao leitor parar e pensar: «Como é o caso comigo?

Estou eu enganado também? Será possível que a minha própria alma ainda está no perigo da perdição, apesar de que eu tenha ouvido as boas novas do Evangelho tantas vêzes? »

A Bíblia diz: «Examinai-vos a vós mesmos se permaneceis na fé, provai-vos a vós mesmos». Que razão tem para a esperança que há no seu íntimo?

Emilia era, de verdade, infeliz. Continuava a viver a sua vida de moça, com suas lições e jogos, mas o coração não partilhava as alegrias. Estava triste, sobrecarregada, e a cada momento de folga, a cada oportunidade que encontrava, fugia para ficar sózinha, para cogitar novamente sobre as dúvidas e perguntas da sua mente torturada.

Ela continuava a procura da verdade, lendo a sua Bíblia a toda oportunidade, escutando atentamente a cada palavra dos sermões evangélicos que ouvia todos os Domingos, e orando constantemente.

Ouvira falar de «vir a Cristo». «Como é que se vem?» perguntou no seu coração. «Aceite a salvação» — «Como posso eu pegá-la?» «Crê em Jesus» — «Mas que significam estas palavras?»

Uma coisa sabia com certeza; que era pecadora e que precisava do Salvador. Que Jesus era aquêle Salvador, e que Ele queria e podia salvá-la. Mas, como podia ela ligar-se verdadeira e definitivamente a Ele?

Uma tarde, no mês de Outubro, Emilia foi para seu quarto, sentindo-se muito triste, quase sem esperança de achar a paz que sua alma tanto almejava.

Pegou na sua Bíblia, e sentando-se na cama, dizia consigo mesma: «Se não achar o que preciso aqui, neste Livro, não o acharei em lugar algum».

Abriu o Livro precioso, e os seus olhos caíram nas palavras bem conhecidas de 1. Pedro 3:18, — *Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus.*

«Palavras tão bem conhecidas», era o seu primeiro pensamento, «uma verdade que tenho ouvido anunciada tôda a minha vida, mas como pode ela salvar a minha alma?»

Foi o Espírito Santo que obrigou Emilia a demorar neste versículo; mas, de repente, parecia que uma voz gritava no seu coração: «Cristo padeceu pelos pecados. Cristo, Ele não tinha pecado próprio, Ele padeceu pelos vossos pecados, e a Escritura diz que todo aquêle que n'Ele crê não perece, mas tem a vida eterna.»

Naquele mesmo instante as palavras tão bem conhecidas tornaram-se viventes: o Cristo da Bíblia tornou-Se uma Pessoa viva; e ela compreendeu que Jesus Cristo sofreu o castigo dos pecados pessoais dela. Que tudo que ela precisava fazer era crer o que Deus diz, que Jesus tornou-Se seu Salvador, e recebê-Lo como tal no seu próprio coração.

«A todos quantos O receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que crêem no seu nome» (João 1:12). Com gôzo e gratidão inexpressível Emilia caiu de joelhos, e deu-Lhe graças de todo o seu coração: e para o resto da sua vida, seu Salvador foi uma Pessoa real, um Amigo vivo, o Primeiro em todo universo.

Então sabia que havia uma razão da esperança que havia nela, a razão que Jesus tinha sofrido o castigo dos pecados dela, para livrá-la do castigo do inferno, e para dar-lhe em vez do castigo o dom da vida eterna, no Seu próprio lar.

Se alguém que lê estas linhas está

sentindo, como Emilia sentiu, dúvida acerca da questão como podemos ligar com o Salvador, como podemos «vir a Ele», «crer n'Ele», como dizem as Escrituras: creia o que Deus diz acerca de Jesus, ligando tudo com você mesmo, que Ele morreu por você, sofreu em Si o seu castigo; e tome-O para você, faça-O seu, diga: «Ele morreu por mim, Ele é meu Salvador», e o seu coração engrandecê-Lo-á e amá-Lo-á para o resto da sua vida.

Antes de dormir naquela noite, Emilia abriu mais uma vez a Bíblia e as palavras que seus olhos encontraram foram: «Servi ao Senhor com alegria: e apresentai-vos a Ele com canto» (Sal. 100:2).

«Assim minha vida estará ocupada para todo o futuro», comentou ela com alegria.

E. M.

*Foi na cruz, foi na cruz  
Onde um dia eu vi  
Meu pecado castigado em Jesus:  
Foi ali pela fé, que os olhos abri,  
E agora me alegro em Sua luz.*

## Estudo sobre a Epistola aos Romanos

(Continuação)

Do verso 21 ao 31 do capítulo 3 o apóstolo dá-nos um resumo do estado do homem e do propósito de Deus. Ele quer e pode fazer duas coisas: perdoar os pecados e justificar o pecador. Estas bênçãos ambas são baseadas na obra expiatória de Cristo.

### Perdão e Justificação

Para entender bem a epístola é necessário aprender a diferença entre estas duas bênçãos. A primeira é mais fácil de entender; mas a segunda precisa ser mais bem explicada.

**Perdão** é para os pecados do ho-

mem. **Justificação** trata de seu caráter judicialmente perante Deus. Deus pode perdoar os pecados do homem, porque Cristo recebeu seu castigo.

**Justificar** significa declarar o homem justo, como se não tivesse cometido pecado algum. Num tribunal de justiça humana, quando um homem é justificado, entendemos que foi provado à satisfação do juiz que o acusado não era culpado. Não há tribunal humano que possa justificar um réu que foi provado culpado. Se fosse perdoado, não seria justificado. Vamos dizer que um homem roubou o dinheiro de seu patrão e este lhe perdoou o crime. O réu não é justificado. É ainda um ladrão, porém perdoado. O patrão não pode justificá-lo, isto é, fazer o ladrão justo. Se o declarasse justo, seria aprovar o crime. Deus, porém, é justo e o justificador do crente, daquele que fôra pecador. Aquelle que tem fé em Jesus, não é mais considerado pecador, mas justo. Deus não sacrificou a Sua justiça pelo amor, porque pode satisfazer a ambos os atributos. O salmo 89 (vers. 14) diz que: «Justiça e juízo são a base do Teu trono». Davi representava a justiça de Deus no trono de Israel. Quando seu filho Absalão pecou, foi banido da terra e da presença do rei. Mais tarde, porém, Davi, infelizmente, sacrificou a justiça pelo amor ao filho, perdoando-o; e seu trono caiu. Davi foi obrigado a fugir pelo menos até a morte de Absalão. Mas «Deus cogita meios para que o banido não fique desterrado da sua presença» (2. Sam. 14:14, V. B.), porém não como Davi, mas com perfeita justiça.

No capítulo 3 o apóstolo demonstra que (a) a humanidade é corrupta; (b) a lei não pode evitar a corrupção nem justificar ao pecador; (c) a lei em si é boa mas o material é ruim; (d) a lei serve para revelar o mal.

sentindo, como Emilia sentiu, dúvida acerca da questão como podemos ligar com o Salvador, como podemos «vir a Ele», «crer n'Ele», como dizem as Escrituras: creia o que Deus diz acerca de Jesus, ligando tudo com você mesmo, que Ele morreu por você, sofreu em Si o seu castigo; e tome-O para você, façá-O seu, diga: «Ele morreu por mim, Ele é meu Salvador», e o seu coração engrandecê-Lo-á e amá-Lo-á para o resto da sua vida.

Antes de dormir naquela noite, Emilia abriu mais uma vez a Bíblia e as palavras que seus olhos encontraram foram: «Servi ao Senhor com alegria: e apresentai-vos a Ele com canto» (Sal. 100:2).

«Assim minha vida estará ocupada para todo o futuro», comentou ela com alegria.

E. M.

*Foi na cruz, foi na cruz  
Onde um dia eu vi  
Meu pecado castigado em Jesus:  
Foi ali pela fé, que os olhos abri,  
E agora me alegro em Sua luz.*

## Estudo sobre a Epístola aos Romanos

(Continuação)

Do verso 21 ao 31 do capítulo 3 o apóstolo dá-nos um resumo do estado do homem e do propósito de Deus. Ele quer e pode fazer duas coisas: perdoar os pecados e justificar o pecador. Estas bênçãos ambas são baseadas na obra expiatória de Cristo.

### Perdão e Justificação

Para entender bem a epístola é necessário aprender a diferença entre estas duas bênçãos. A primeira é mais fácil de entender; mas a segunda precisa ser mais bem explicada.

**Perdão** é para os pecados do ho-

mem. **Justificação** trata de seu caráter judicialmente perante Deus. Deus pode perdoar os pecados do homem, porque Cristo recebeu seu castigo.

**Justificar** significa declarar o homem justo, como se não tivesse cometido pecado algum. Num tribunal de justiça humana, quando um homem é justificado, entendemos que foi provado à satisfação do juiz que o acusado não era culpado. Não há tribunal humano que possa justificar um réu que foi provado culpado. Se fosse perdoado, não seria justificado. Vamos dizer que um homem roubou o dinheiro de seu patrão e este lhe perdoou o crime. O réu não é justificado. É ainda um ladrão, porém perdoado. O patrão não pode justificá-lo, isto é, fazer o ladrão justo. Se o declarasse justo, seria aprovar o crime. Deus, porém, é justo e o justificador do crente, daquele que fôra pecador. Aquêle que tem fé em Jesus, não é mais considerado pecador, mas justo. Deus não sacrificou a Sua justiça pelo amor, porque pode satisfazer a ambos os atributos. O salmo 89 (vers. 14) diz que: «Justiça e juízo são a base do Teu trono». Davi representava a justiça de Deus no trono de Israel. Quando seu filho Absalão pecou, foi banido da terra e da presença do rei. Mais tarde, porém, Davi, infelizmente, sacrificou a justiça pelo amor ao filho, perdoando-o; e seu trono caiu. Davi foi obrigado a fugir pelo menos até a morte de Absalão. Mas «Deus cogita meios para que o banido não fique desterrado da sua presença» (2. Sam. 14:14, V. B.), porém não como Davi, mas com perfeita justiça.

No capítulo 3 o apóstolo demonstra que (a) a humanidade é corrupta; (b) a lei não pode evitar a corrupção nem justificar ao pecador; (c) a lei em si é boa mas o material é ruim; (d) a lei serve para revelar o mal.

O espelho mostra a uma pessoa que seu rosto está sujo, mas não o pode lavar. Um carpinteiro pode ser bom oficial mas não pode fazer boa mobília com madeira podre.

## Capítulo 4

O capítulo 4 demonstra que a **Justificação é pela fé** sómente, é atribuída por Deus não por causa de qualquer boa obra feita pelo homem. Neste capítulo, o Velho Testamento é citado para provar este princípio, nos casos de Abraão e Davi.

**A justiça de Deus é imputada.** Não é da natureza humana, nem baseada nas boas obras.

No caso de Abraão, a justiça de Deus foi imputada antes da vinda da Lei, assim não o é sómente para o povo sob a lei (judeus) mas também para os gentios.

Há três elementos em nossa justificação: (a) graça de Deus (3:24); (b) a redenção de Cristo (3:24) e Seu sangue (5:9); (c) a nossa fé (5:1).

Alguns ensinam que a justiça de Cristo em Sua vida terrestre é imputada aos crentes, mas o ensino de Romanos fala da justiça de Deus. A justiça pessoal de Jesus era-Lhe necessária para Ele ser um sacrifício perfeito, um «cordeiro imaculado». São Sua morte e ressurreição a base da nossa justificação (4:25).

No Tabernáculo no Deserto, as tábuas das paredes foram cobertas com ouro. A madeira é uma figura da humanidade; o ouro, figura de um atributo divino, a glória ou justiça de Deus. A Casa de Deus é composta de homens; estes, porém, estão vestidos com a justiça divina. Os pés das tábuas (cada uma tinha duas couceiras — o número dois significa firmeza) foram colocados cada um numa base de prata (figura da redenção) e não na areia. O sacerdote

que entrava no Tabernáculo para seu serviço, via o ouro. A nossa posição no Santuário é de justos e não a de pecadores. A justificação trata da nossa posição judicial perante Deus, ou o que nós somos. O perdão trata de nossos atos. A palavra **justificação** quer dizer que somos considerados **Justos** judicialmente por Deus. É uma questão do que SOMOS e não do que fazemos, embora nossas obras devem estar de acordo com a nossa posição.

Num tribunal de justiça um réu pode ser perdoado, mas não pode ser justificado, depois de ficar provada a sua culpa do crime. Quando dissemos que o acusado se justificou a si mesmo, queremos dizer que ele provou que tinha razão para seus atos e, por isso, não é culpado. Mas Deus faz o que o homem não pode fazer. Embora o homem seja provado culpado, Deus pode fazê-lo **justo**.

(Continua)

## Modernismo

Até aqui nossos artigos sobre o modernismo têm sido críticas das teorias modernas acerca da Bíblia. Queremos agora discorrer sobre alguns descobrimentos arqueológicos que provam a veracidade das Escrituras.

Uma ciência que confirma os fatos históricos de Gênesis é chamada **Etnologia**. Trata da origem e progresso das raças humanas. O livro de Gênesis afirma que todas as raças são descendentes de Noé. A família humana está dividida em três ramos: os descendentes de **Sem, Cam e Jafet**, filhos de Noé. O capítulo X conta as genealogias destas três famílias. Outrora os críticos comentavam o capítulo como sendo "ridículo", "imaginação fantástica", "teorias infantis". Mas as pás e picaretas dos arqueólogos têm transformado estas idéias.

Agora até os modernistas admitem que há muita verdade nesse capítulo. Um modernista escreve, por exemplo: «Está conforme a verdade histórica que a Assíria foi colonizada pela Babilônia». Os versículos 8, 9, 10 explicam que Nimrod era rei de Babel (Babilônia), daí foi para a Assíria e edificou Nínive.

Devemos notar o versículo 27 de Gênesis 9. É uma profecia feita há 5 ou 6 mil anos. Diz que Canaan (Cam) seria servo de Jafet. Milhares de anos depois da profecia, não se notou qualquer sinal do seu cumprimento. Depois da dispersão de Babel, a maior parte dos descendentes de Jafet emigraram na direção da Europa, e, mais tarde, espalharam-se pelo continente. Só reapareceram nas páginas da história mil anos antes de Cristo. Os filhos de Madai ficaram na Ásia, alguns mais tarde misturaram-se com outras raças.

A família de Cam, ao contrário, rapidamente se fez poderosa, manifestando grande atividade, tomando posse dos vales do Tigre, do Eufrates e depois do Nilo (Egito). Mais tarde espalharam-se pelo continente africano, onde as raças camitas puras agora habitam. Os egípcios do tempo bíblico eram da raça camita, mas depois das invasões gregas e romanas, e a conquista pelos árabes maometanos, tornaram-se uma nação mestiça. Os camitas que ficaram na Ásia, como os heteus, cananeus e fenícios, tiveram-se misturado com outras raças asiáticas. A palavra «Cam» quer dizer escuro; «Jafet» louro ou claro. Os descendentes de Jafet hoje são principalmente as nações da Europa (menos os turcos que vieram da Ásia há quinhentos anos). Alguns historiadores dão-lhes o nome arianos, ou raça ariana.

Os descendentes de Sem são ainda hoje conhecidos como os semitas.

Depois de Babel emigraram na direção da Síria e Caldéia. Os israelitas representam a raça semita mais pura no mundo. São chamados judeus, porque a maior parte são da descendência de Judá e tem o nome de hebreus também, porque são descendentes de Heber (Gên. 11:16). Os árabes são também semitas, porque são descendentes de Abraão, mas pela mulher escrava, Hagar, que era egípcia (camita). Assim, hoje os semitas pertencem à Ásia, os camitas à África, e os descendentes de Jafet habitam na Europa. Há pequenos grupos da raça ariana na Índia, mas a vasta maioria das nações da Ásia é mestiça. Agora com esta explicação, devemos examinar a profecia dos vs. 25 e 26 de Gênesis 9.

### *Gênesis 9:25,26*

Encontramos três cláusulas: (1) Deus ia alargar Jafet; (2) Jafet habitaria nas tendas de Sem; (3) Cam seria seu servo. Durante milhares de anos não se viu sinal ou probabilidade do cumprimento da profecia. Todavia tem sido plenamente cumprida nos últimos 400 anos.

(1) **Alargar Jafet.** A descendência de Jafet são as nações da Europa. A raça britânica está espalhada em todo o mundo, na América do Norte, na Austrália, em Nova Zelândia, numa grande porção da África, na Índia, nas Ilhas do Pacífico. A França tem um vasto território na África, e porções na Ásia. Portugal tem duas grandes colônias na África, possessões na Ásia e possuía o Brasil. A Espanha era dona da América espanhola e de várias grandes ilhas; embora tenha perdido o seu império, os descendentes ainda existem nas velhas colônias. A Holanda possui colônias na Ásia e uma na América do Sul. A Alemanha e a Itália possuíam colônias na África, mas perde-

ram-nas. A Bélgica tem uma grande colônia na África. A Rússia tem-se espalhado na Ásia (Sibéria).

(2) **Habitar nas tendas de Sem.** A Inglaterra e a França tomaram conta da Palestina e da Síria, países semitas.

(3) Cam hoje é representado pelos africanos. O governo do continente da África na sua quase totalidade está dividido entre os europeus (filhos de Jafet), e os camitas (africanos) são seus servos. Há 400 anos começou o tráfico de escravos africanos. Foram levados aos milhares, durante 3 séculos, para servir aos colonizadores das Américas e para as Índias ocidentais como escravos. A consciência cristã despertou e acabou com o nefando tráfico. A profecia disse (verso 25): «Servo dos servos seja aos seus irmãos». O outro irmão era Sem. Enquanto os filhos de Jafet levavam os africanos da África ocidental para as Américas, os árabes (semitas) levavam escravos da África oriental para a Arábia. O missionário David Livingstone condenou o tráfico iníquo. A Inglaterra enviou o General Gordon a Khartoum para suprimir a captura e venda dos africanos; os navios ingleses vigiavam a costa da África, e gradualmente o negócio parou. O norte da África, do Egito até Tanger, foi conquistado pelos árabes (maometanos) e êstes descendentes de Sem escravizaram os africanos. Assim a profecia, feita há 5 ou 6 mil anos, foi cumprida, há poucos séculos. Seria difícil a alguém, mesmo a um modernista, explicar esta profecia de outra maneira que não a dada por Deus.

### Gênesis X

Agora examinemos o capítulo X de Gênesis. Primeiro vem a genealogia de Jafet. Os seus filhos são: Gomer, Magog, Javan, Tubal, Mesech e Tiras. Estão representados hoje

nos seus descendentes, as nações da Europa. Os cimbros, por exemplo, são descendentes de Gomer, hoje representados pelos galeses (na Grã Bretanha) e pelos bretões (na França). Tarsis (filho de Javan, v. 4) é representado pelos espanhóis e portugueses; Javan pelos gregos, Magog pelos russos e raças eslavas da Europa. Os filhos de Tiras são representados pelos escandinávios e outrora pelos godos que invadiram o império romano no quinto século de nossa era. Os filhos de Madai ficaram na Ásia e eram representados pelos medos e possivelmente por algumas das raças arianas que moram na Índia.

No verso 10 lemos que Nimrod era rei poderoso e caçador. O nome ainda é comum na Mesopotâmia. Séculos depois da sua morte foi considerado como um deus e, 300 anos antes do tempo de Abraão, edificaram um templo para o culto de Nimrod em Ur dos Caldeus.

### A Torre de Babel

A torre de Babel é chamada hoje pelos árabes Birs-Nimrod, que significa «Torre de Nimrod». No quinto século antes de Cristo, Herodoto (chamado o «Pai da História» e contemporâneo de Neemias) visitou Birs-Nimrod. Ele descreve a torre; diz que eram oito torres, uma superposta a outra, sendo cada qual menor do que a que lhe servia de base. Eram quadradas. A mais baixa media 400 metros de largura em cada lado. A subida era um caminho em caracol. Em cima de tudo havia um templo. Este sistema de torres chama-se «ziggurat». Todas as cidades da Mesopotâmia possuíam uma miniatura desse modelo. Foi imitado também no Egito, na China e no México.

Quando Alexandre Magno passou com seu exército por Birs-Nimrod, 300 anos antes da era cristã, mandou

milhares de soldados tirar a terra de ao redor da torre. Há oitocentos anos um viajante achou que a torre media 220 metros de altura. Hoje em estado de decadência, tem apenas 100 metros de altura. É construída de tijolos bem queimados e ligados com betume, como é descrito em Gên. 11:3.

Estes fatos provam que a Bíblia é verídica. Se a humanidade fosse descendência de animais, como ensinam os modernistas, levando milhares de anos para se desenvolver, o período glacial, que se deu há dez mil anos, segundo os cientistas, teria obrigado o povo a fugir para habitar mais perto do equador e escapar ao frio e ao gelo. Neste caso, as raças não teriam guardado os sinais e feições distintivos, mas seriam misturadas, e a cor escura predominaria.

W. Anglin.

## O Parapeito da Casa

**Quando edificares uma casa nova, farás no teu telhado um parapeito para que não ponhas culpa de sangue na tua casa, se alguém de alguma maneira cair dela (Deut. 22:8).**

Que lição êste versículo nos ensina? Os telhados das casas do povo oriental eram planas e a família costumava subir ao terraço durante o frescor da tarde, e às vezes, dormia ali, ao ar livre. O israelita que edificava uma nova casa tinha que fazer um parapeito em redor do telhado, afim de impedir que alguém caísse dali até o chão.

O apóstolo Pedro estava no terraço da casa em Jope quando teve a visão dos animais que ele chamou imundos (Atos 10).

Quantos crentes obedecem ao espírito desta lei? Às vezes visitamos casas que têm escadas perigosas ou escadas nenhuma. Uma criança é

capaz de cair da sala ou da cozinha até ao terreiro a mais de um metro. Outros sítios possuem pontes perigosas. O crente deve considerar não sómente sua família mas a segurança do próximo. Sua casa, terreno, ou caminho não deve ter qualquer parte perigosa. Os pais devem ensinar seus filhos a não pôr tropeços, onde uma pessoa possa cair, ou pior ainda, suspender um pau ou bambu onde alguém possa furar um olho, viajando de noite. Nas cidades, onde as ruas são calçadas, as crianças precisam saber que não devem jogar cascas de laranja ou de banana na calçada. Quantas pessoas têm caído e até quebrado uma perna, em virtude dêste mau costume! Crianças (e adultos também) bem criadas, vendo uma casca na calçada, puxam-na para fora.

Numa estação da estrada de ferro numa cidade, uma vez reparamos um moço jogar na plataforma, fora do nosso alcance, uma casca de banana. Observamos se uma das centenas de pessoas, que passeavam por ali perto da casca, a empurrava para baixo na linha. Muitos homens e mulheres, jovens também, passavam, mas a casca ficou no mesmo lugar, um perigo para aqueles que passaram correndo para entrar no trem. Não era falta de boa vontade. As mesmas pessoas teriam ajudado a alguém que caísse na casca. Era falta de costume e de educação. O cuidado pelo nosso próximo é muito frisado nas Escrituras.

Podemos tomar o versículo como um texto para a vida espiritual do crente. Será que há alguma falta de nossa parte, em nossa vida cristã, algum mau hábito que serve de tropéco ao nosso irmão, ou ao nosso próximo descrente? Ou será que negligenciamos cumprir algum serviço, ou fazemos nosso de-

ver de maneira tão frouxa que escandalizamos nosso irmão ou contribuímos para afastar mais ainda um descrente?

W. Anglin

## *Uma Pergunta muitas vezes repetida*

Há vinte anos, conversando com um velho irmão sobre as Escrituras, ele disse que Saulo de Tarso foi batizado em casa. Explicou que Saulo ficava deitado em casa (não disse por que) e que Ananias o mandou ficar em pé, enquanto lhe aspergia a água do batismo sobre a cabeça! Ficamos estupefato ao ouvir esta interpretação, mas nos lembramos de que o nosso amigo não se havia acostumado à linguagem bíblica. Anos depois encontramos outro velho irmão que nos deu a mesma explicação. Ele ficou admirado quando lhe explicamos que a palavra «levantar-te» neste caso é sempre interpretada pelos comentadores e estudantes da Bíblia no sentido de sair de casa. Desde aquêle tempo descobrimos que a idéia errada é muito comum e diversas vezes temos recebido perguntas sobre o assunto. É necessário que fiquemos acostumados à linguagem da Bíblia para entendermos suas frases. Por exemplo, seria esquisito para nós, se um irmão, apresentando um novo pregador ao seu auditório, anunciasse: «O Sr. X. agora vai abrir a boca para pregar». Mas achamos este modo de falar várias vezes na Bíblia.

A palavra «levantar-se» na Bíblia tem três sentidos.

- (1) Levantar-se duma posição qualquer;
- (2) Suscitar um rei ou profeta (geralmente ato de Deus);
- (3) Pôr-se em movimento ou sair do lugar.

O terceiro sentido é o mais comum. Ocorre muitas vezes, mais do que o primeiro. Nos Salmos lemos quatorze vezes que Deus Se levantou para fazer uma obra. Não quer dizer que Ele tenha estado deitado, mas que Se pôs em ação. No Novo Testamento, no caso do Filho Pródigo, lemos que Ele se levantou e voltou à casa paterna. Não quer dizer que ficara deitado entre os porcos, mas que saiu do lugar onde estava. No capítulo 8 de Atos lemos que quando Filipe pregava em Samaria, onde havia um avivamento, foi mandado «levantar-se» para ir atrás do eunuco da Etiópia. Isto quer dizer que Ele deixou Samaria e seu serviço e foi à procura do estrangeiro. Assim, Saulo evidentemente recebeu ordem de levantar-se, como se lê em Atos 22:16: «Agora, por que demoras? Levanta-te e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor.» Saulo, evidentemente, demorava, mas recebeu ordem de batizar-se logo. A palavra usada para lavar é forte; significa «lavar-fora», nas águas do batismo. Seus pecados foram lavados simbolicamente, mas o ato físico acompanhava o símbolo. Temos aqui, também, a confissão com a boca acompanhando a profissão da fé, «invocando o nome do Senhor». Tudo isso não tem cabimento em casa. O Comentário de Ellicott (obra prima, escrita por aspersionistas) sugere que o batismo tenha sido administrado em um dos rios de Damasco, Abana ou Farfar. Em Romanos 6 Paulo explica o modo de seu batismo: «Acaso ignorais que todos nós, que fomos submersos na água batismal em Cristo Jesus, fomos submersos na sua morte? Sim, pelo batismo fomos com Ele sepultados na morte.» (Trad. do Padre Rohden).

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas Gerais, Brasil.

Casa Editora Evangélica, Teresópolis, E. do Rio  
Editor responsável José Ferreira de Andrade